

THOMAS MANN DE DONALD PRATER

APONTAMENTOS DULCINEA SANTOS PARA UM GRUPO DE LEITURAS

RECIFE 23/04/2015

Nasce em 6 de junho de 1875, em Lübeck. Mãe brasileira, Julia. Ele, moreno. Morre em 1955, na Suíça. Julia contava-lhe histórias de sua infância no Brasil, lia os irmãos Grimm, Hans Andersen; cantava canções de Shumann, Schubert, Brahms; tocava Chopin, Mozart, Beethoven. Todos os filhos eram ligados a ela; o pai, figura distante, inspirava mais respeito que amor. 20

Ingressou no serviço militar. Os pés chatos o retiraram, dispensaram-no.

Casou aos 30 anos, com Katia, judia. Com 25 anos, concluiu *Os Buddenbrooks*, a obra que assegurou a sua fama. Com o casamento, assegurou a sólida base burguesa, que tinha sempre sido a sua meta na vida. Os direitos autorais da Editora Fischer para essa obra construíram uma base razoável, à medida que se multiplicavam as edições. 88

Érika, primeira filha do casal.

Nobel 1929.

Infância feliz. Pai, um homem de negócios, ingressara no Senado; mãe, Júlia, brasileira; escritor Heinrich Mann, irmão. Thomas, moreno como a mãe. 20

Lübeck: *o mar da minha infância, a baía de Lübeck*. Tradição de sua família: origens burguesas do norte da Alemanha. Da mãe herdara a *vocação artístico-sensual e, l.s., a necessidade de contar histórias*. 23

[Aos 71 anos diz]: *Uma época de ansiedade, a da escola, tudo menos serena; ser jovem é uma fraude. (...) Eu não gostaria de voltar a ter 13 ou 20 anos.* 25

O ambiente do lar de TM não era antiprussiano. O senador [pai dele] admirava Bismarck, ou mesmo a teatralidade do kaiser.

TM, um fracasso durante o curso secundário.

Conhecedor de Schiller. Herdara da mãe o interesse para a música e certo talento.

Ainda estudante, ouviu pela primeira vez as óperas de Wagner, *Tannhäuser* e *Lohengrin* e até o final de sua vida *Tristão e Isolda* lhe trazia lágrimas aos olhos. 28

Na escola, TM desdenhava os colegas medianos pela consciência de sua superioridade intelectual e por ser herdeiro de uma família importante. A atitude superior permaneceu, o que inspirava para o futuro escritor de sucesso muito respeito, mas pouca afeição e acabava produzindo certa rigidez nas suas relações pessoais (em sua vida, poucos amigos trocaram o tratamento formal *Sie* (senhor) pelo mais íntimo *Du* (Tu) e mesmo assim só depois de muitos anos de convivência [Hans Castorp, em *A Montanha Mágica*, observa agudamente o emprego desse tratamento no hospital, em Davos – D.S.]. 28

Olhando retrospectivamente para os seus dias de escola, TM sentiu que eles foram fonte de arrogância e também de melancolia e sofrimento. Se houve melancolia, esta decorria possivelmente de uma tendência homossexual que se manifestou desde cedo e que duraria toda a sua vida. Embora nunca pronunciada, ela não ousaria dizer seu nome nem na época nem depois. Na escola, TM desenvolveu uma ligação afetiva com um garoto mais jovem, Armin Martens, para quem escrevia poemas de uma paixão ambígua, mas aos quais Martens, interessado em Júlia, irmã de TM, reagia com um desprezo bem-humorado. *Foi o meu primeiro amor*, TM recordou no final da vida, *e nunca tive outro mais terno, mais amargo e doce*, e essa paixão permaneceu *uma lembrança querida* – embora os dois não tenham voltado a se encontrar depois da escola. Martens acabou

tendo um final triste e obscuro na África; mais tarde se tornaria o modelo do personagem Hans Hansen na novela Tonio Kröger, de TM. 29

Seu relacionamento com Paul Ehrenberg suscitou-lhe depressões agudas, com ideias de suicídio.

A ascensão econômica que sucedeu a unificação da Alemanha deixou Lübeck em segundo plano, pois Kiel era preferida devido ao canal que ligava o mar do Norte ao Báltico. Os negócios dos Manns, o Senador pensou, estavam longe de prosperar. Quando sua mãe morreu, decidiu vender a casa em que ela morava, que, por mais de 50 anos, tinha servido de sede à empresa – além de ser cenário das comemorações natalinas. Foi a única propriedade dos Manns que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial. 31

Heirinch queria abandonar o emprego e partir em busca de algo mais próximo da carreira literária. 31

Num testamento que fez, pensando que ia morrer numa cirurgia de cálculo renal, o pai de TM deixou um testamento dando instruções sobre os preparativos do funeral e indicando dois tutores para auxiliar sua esposa na proteção aos filhos. A estes atribui a tarefa de garantir que as crianças recebessem uma *formação prática*; aí assim também dizia: Possa minha esposa demonstrar firmeza com todos e mantê-los sempre sob controle. Para os momentos em que ela vacilar, recomendo a leitura de *Rei Lear*. 33

Willri Timpe, o filho de um professor, despertou sua segunda paixão.

Em carta, TM diz: *na mais intelectual das artes, a das palavras, não bastam o sentimento e a técnica, mas também o conhecimento*. 36

O diabo mora no detalhe, afirmou no fim da vida; a preparação para cada texto *tomava horas e dias*. 37

TM dá grande importância à elegância. 31-2

Meus personagens favoritas: Hamlet, Tristão, Fausto e Mefisto, Parsifal. 37

Heinrich: a admiração de Mann por ele era sem limites. Seu estilo narrativo sóbrio contrastava com o estilo vigoroso de Heinrich. 41-2

O conto diz que aprendeu com Maupassant, Tchecov e Turgueniev. 47

O escritor, segund Mann, *é um lento polidor de frases.*

Sobre os Buddenbrooks: *estilo verdadeiramente épico.* O tom épico esplendidamente mantido ao longo da narrativa com um uso do leitmotiv e *um elemento fortemente dramático* nos diálogos. Sucesso com essa publicação, em 1902. 70

Domínio incomparável na narrativa. Sempre disposto a *transformar experiência em arte*; assim seu amor por Martens nos dias de escola refletido no amor de Tonio por Hans Hansen, as Incertezas sobre sua sexualidade. O tema central: conflito entre *literatura e vida*, nas discussões de Tonio com a artista russa Lisaweta Iwanowna. 72

Tonio Kröger: alterego de TM. Conflito intelectual entre o sofisticado empenho literário, que leva o protagonista ao distanciamento e à desumanidade, e a vida normal com sua *sedutora banalidade*. TM estava assim escrevendo uma autobiografia. Ele descreve que *seu amor burguês pelo humano, pelo vivo, pelo comum* pode ser o segredo para transformar o *littérateur* num verdadeiro escritor. Não é surpreendente que mais tarde TM tenha declarado que esta era a sua obra preferida. 77

Seu estilo: sentenças muito longas, um humor muitas vezes obscuro ou cerebral: os inconvenientes de seu estilo.

Era forte o sentimento de ser um excluído, fracassado tanto nos relacionamentos homoeróticos quanto nos normais. 73

Gosto pelas aparições públicas que marcariam o resto de sua vida. 81

Atmosfera de incompreensão e hostilidade na sua cidade natal, Lübeck. 82

Heinrich e TM: fronteiras políticas separaram os irmãos. TM e Julia satisfeitos com a ordem estabelecida. 83

A desconfiança moral e estética do artista em relação à *felicidade*.

Força de seu amor por Katia, com 21 anos. Casou em 1905, ele com 30 anos.

Processo criativo de TM em toda sua obra: a técnica de montagem de dados disponíveis na vida real (dele e dos outros). 105

Como apresentação da realidade, o drama ficava muito aquém do romance épico, que podia expressar sua essência não apenas através dos personagens e do diálogo, mas também através de circunstâncias e descrições, oferecendo o quadro completo que os atores jamais podem proporcionar. No drama clássico e naquele de Racine, a ação ficava fora do palco e era a linguagem, não a trama, o que importava. Wagner, por orador fascinante que fosse, era impensável fora do teatro e o texto, *o livro*, um mero subsidiário. 109

TM: Um passo a cada manhã, uma passagem – este é o meu estilo (...) não por timidez ou preguiça, mas por extraordinário e intenso senso de responsabilidade em relação ao texto, que exige um perfeito frescor, de forma que, após a segunda hora de trabalho, seria melhor não escrever mais nenhuma frase importante. Mas que frase é importante? Alguém pode saber de antemão se uma frase ou fragmento de frase está destinado a retornar, como motivo, símbolo, citação, referência? E uma frase ouvida duas vezes deve ter algo de especial (...) uma certa elevação e caráter simbólico que fazem valer a pena repeti-la. 109

A diferença entre o *littérateur* e o verdadeiro escritor. Settembrini, o *littérateur* civilizado, progressista; Naphta, o reacionário anti-razão. Hans Castorp, em Davos, entre o dever à vida e o fascínio da decadência. 148

Erika, filha de Mann, fez o papel de Viola, personagem de *As you like it*, de Shakespeare.

TM: se uma pessoa tem profundidade, a diferença entre a solidão e a não-solidão não é grande, é somente exterior. 167

TM mergulhou fundo em Splenger. A vitória aliada e a dominação anglo-saxã marcaram o fim da cultura ocidental. 168

Para escrever *A Montanha Mágica* fizera um enorme volume de anotações. A atmosfera do pré-guerra, a indiferença moral e intelectual de Castorp, a sua falta de fé, e ausência de perspectivas antes de sua vida em Davos. 168

Inevitável prazer de aparecer em público, em leituras, palestras, cerimônias formais e entrevistas. 169

Agradáveis *soirées*.

Katia estava a par da ambivalência sexual do marido. 170

O problema de usar a vida real com propósitos literários ocupava com frequência sua mente: *Os Buddenbrooks* tinham sido citados como prova num processo de difamação de Lübeck. 192

Goethe, Turgueniev, Shakespeare: eles também não retrataram pessoas reais? O método que TM continuaria a seguir em toda a sua obra: a técnica da montagem de dados disponíveis na vida real. A forma a convertê-los em arte. Assim, as pessoas que ele retratava revelavam, sobretudo, ele mesmo. *Não é você, fique tranquilo, sou sempre eu, sempre eu*. 105

O romance *Professor Unrat*, de Heinrich, publicado em 1905, depois filmado como *O anjo azul*, a tornar-se sua obra de maior sucesso, TM a tinha classificado como *entretenimento artístico*, e *ainda o material mais frívolo que já apareceu na Alemanha em um longo período*, escreveu em seu diário. 106

TM era um hipocondríaco. 107

Segundo filho: Klaus Heinrich.

O lugar que ocupava: entre os clássicos dos tempos modernos. 111

Escreveu a novela *Sua Alteza Real*.

Heinrich Mann: sua obra *Professor Unrat*: obsessão pelo erotismo e sátira selvagem à sociedade *nouveua riche* de Berlim.

Félix Krull: uma personagem vigarista. Combinação de frivolidade e moralidade, de ceticismo e paixão, segundo TM.

Carla, sua irmã, atriz, suicida-se.

Goethe, aos 74 anos, apaixonou-se por uma garota de 17 anos, história de uma crise que quase chegou a destruí-lo, mas que conseguiu sublimar em *Elegia de Marienbad: uma paixão que desvia um homem de seu curso e destrói a sua dignidade*, descreve TM. 123

Morte e Veneza seria a primeira obra de TM com esta expressão explícita de sua homossexualidade inata. A paixão que desvia e destrói a dignidade, asseverou, era o verdadeiro tema da história. 125

Katia: tuberculose. Foi a Davos, onde uma cura costumava levar 6 meses.

Morte em Veneza: publicada em 1913 com sucesso estrondoso. Um de seus melhores textos, adaptado para o cinema por Visconti. David Laurence o julgara vítima da obsessão pela forma dos alemães. Discípulo tardio e doentio de Flaubert. 125-7

TM contrastava a capacidade de Heinrich de retratar e atacar os males de seu tempo com sua própria falta de qualquer orientação política ou intelectual e uma simpatia inata pela morte: todo o seu interesse se concentrava na decadência e na desesperança em relação ao progresso.

TM trabalhava, rigorosamente, fechado em seu escritório das 9 ao meio-dia. A produção média era de uma página ou uma página e meia por dia para *A Montanha Mágica*. Depois fazia uma caminhada com seu cachorro, refletindo sobre o andamento da obra e planejando os passos seguintes. Repetia, com Baudelaire: *A inspiração é certamente irmã da labuta diária*. Ele não tinha o *savoir-faire* da mãe nas questões do dia a dia. 133

Estourara a guerra de 1914, com declaração da Alemanha com a Rússia. Os franceses incendiaram Berlim.

TM nutria profunda simpatia pela Alemanha, enquanto Heinrich estava profundamente deprimido com a invasão da Bélgica e o ataque à sua amada França. A reação dos irmãos à guerra seguiam linhas diferentes. 136

Em carta a Heinrich: *Eu não inventei esta vida, Eu a abomino*. 157

Nome de seu cão, companheiro de suas caminhadas ao longo do Isar: Bauschan. 159

Mann concebeu *A Montanha Mágica* como uma construção sinfônica, no entrelaçamento contrapontual de seus temas. Em *Os Buddenbrooks* a forma musical se tinha expressado no *leitmotiv* wagneriano. 171

Em *A Montanha Mágica*, a fascinação pela morte. Educação de Hans Castorp no seu isolamento na montanha. Conflito de ideias na Alemanha pré-guerra entre Settembrini e Naphta. Digressões densas. Setembrini, italiano, maçom, político do ainda odiado *littérateur* civilizado, com qualidades de um humanista, ao proclamar que toda dignidade humana e política estavam inseparavelmente ligadas à literatura. Naphta, um judeu da Europa Oriental, um admirador reacionário da Idade Média, um jesuíta com ideias comunistas. Em seus debates, cada um contribuía com a formação de Castorp, *típico alemão* médio da época do pré-guerra. Mas os problemas daquela época eram agora vistos à nova luz da revolução do pós-guerra e da restauração do conservadorismo inato da Alemanha – para TM, a graça salvadora que tornaria a democracia tolerável. Outros assuntos: a atmosfera, na clínica, de agitada busca do prazer em face da doença e da morte. A tensão sexual na atração de Castorp por Claudia. 172

Mann, sua incerteza política. Embora o conservadorismo de seu *Considerações de um apolítico* permanecesse essencialmente inalterado, ele agora tomava uma forma mais liberal, indo ao encontro das demandas sociais de todas as classes da sociedade. Ele estava começando a se afastar do pessimismo de Splenger e a democracia, no estilo da República de Weimar, era agora aceitável, desde que os excessos fossem evitados, tanto do lado do bolchevismo quanto das aventuras da direita. Porém, ele considerava um equívoco o Estado alemão centralizado previsto pela Constituição de Weimar. 173

Mann já não era avesso ao socialismo, mas, como disse em 1920, não acreditava no seu internacionalismo: *o fato é que o humano só pode se realizar no nacional*. 173

TM: nórdico-protestante; individualismo; ênfase na consciência. Heirich Mann, seu irmão: católico-romano; socialismo; ênfase na vontade ativista.

Sua gratidão a Katia, por ela compreender sua ambivalência, é evidente. TM conseguiu superar sem dificuldade os frágeis apelos do desejo, investindo com vigor numa agitada vida pública, como o orçamento familiar exigia. *A Montanha Mágica é a obra mais sensual que eu já escrevi, mas num estilo sereno*, ele anotou em 1920. 177

Em Frankfurt, Mann teve 2500 pessoas como público. 186

Klaus, filho mais velho, homossexual; também escritor. 169-1

O original de que Mann se serviu para a construção do seu personagem Mynheer Peeperkorn, em *A Montanha Mágica*, foi Gerhart Hauptmann: o hábito de beber vinho gelado, de sua gagueira e seu discurso muitas vezes aparentemente ilógico [o que lhe granjeou a ira desse amigo]. 192

TM: membro do PENclub.

Mann ficou desapontado quando, ao receber o prêmio Nobel, notou que a distinção se referia especificamente a *Os Buddenbrooks*, sem nenhuma menção a *A Montanha Mágica* e obras posteriores. 197

Edwain Muir comparou Mann a Proust e a Joyce. 200

Ensaio de TM: *Goethe e Tolstoi*. 294

Desejo de Mann de que a posteridade visse sua obra como *amigável à vida, embora consciente da morte*. 208

Questões do mundo pós-guerra (IGM): o amor livre, o divórcio mais fácil, a emancipação da mulher, o homoerotismo. 209

A paixão de Erika, filha mais velha. Vida nada convencional. Decide casar com uma homossexual, uma encenação. A união não durou mais de três anos. 215

As impressões visuais [no processo criativo de Mann] desempenhavam um papel tão importante quanto a pesquisa histórica e mitológica.

As imprecizações negativas do fascismo, enquanto na Itália de Mussolini, teriam lugar na história de *Mário e o mágico*. 216

A posição que Mann tinha alcançado: de guia e filósofo da nação e da juventude alemãs. 219

A revolução conservadora – um pacto entre a ideia conservadora de cultura e o pensamento social revolucionário. Ideal humanístico. 219

Sua irmã Julia cometeu suicídio em 1927. Casada, mas com amantes, o que a tinha perturbado e desenvolvido o vício da morfina. Frequentemente se reprovou em M a sua frieza e falta de sentimentos. 222

Emoção infantil por Armin Martens e depois por Paul Ehrenberg, *a minha última paixão e mais feliz*.

O romance *Os moedeiros falsos*, de André Gide, um dos seus livros preferidos.

Por conta de sua atividade jornalística, seu nome sempre estivera em evidência e por causa de suas entrevistas e seus ciclos de leituras.

O ar das montanhas para Katia, infecção pulmonar. Davos, depois do rebuliço causado por *A Montanha Mágica*, dificilmente seria indicado e optaram por Arosa. 214

TM escreveu um ensaio sobre Freud: *A posição de Freud na história intelectual moderna*. 231

Nesses vários textos, ele estava buscando definir uma linha política, desenvolvendo, a partir de temas literários e intelectuais, uma determinada abordagem racional e democrática de um novo humanismo, que ele se esforçava por encontrar. O principal objetivo de sua conferência sobre Freud, escreveu a Charles de Bos, era realçar a psicanálise como o único fenômeno do anti-racionalismo moderno que não se deixou deformar por um uso reacionário. (Freud, como *um de seus leitores mais velhos*, enviou a Mann cumprimentos

por essa sua defesa contra qualquer crítica ao misticismo reacionário, especialmente, por situá-lo no contexto do pensamento alemão: *Eu que achava que era um corpo estranho neste país*, escreveu). A um correspondente Mann confirmou sua aversão a uma moda da prostração diante do irracional que, em termos políticos, revela uma alma *völkisch/étnica*. 231

[Nesse ensaio, TM assim diz: *Se me perguntarem quais das contribuições ousadas e inovadoras de Sigmund Freud para o conhecimento do ser humano tiveram o impacto mais forte sobre mim e quais das suas obras literárias primeiro me vêm à mente quando escuto seu nome, eu nomearia, sem pestanejar, o grande tratado em quatro partes Totem e Tabu (...) e isso porque ele transcende em muito, nas suas intenções e intuições, a esfera da medicina e adentra nas ciências humanas de um modo geral, e, sobretudo, por abrir, de modo esclarecedor, ao leitor que reflete sobre as questões da humanidade, perspectivas incríveis sobre o passado anímico, a profunda proto-história moral, social, mítico-religiosa da pré-história e história antiga.* fonte: google].

Novela *Mário e o mágico*: a experiência sinistra da Itália fascista encontrou expressão plena. Embora, como disse Mann, não fosse o caso de simplesmente enxergar em Cipolla um Mussolini disfarçado, a noção ética que a novela passava era clara: um alerta contra a degradação do humano e com a submissão voluntária ao poder de ditadores e *líderes*, que estava crescendo na Europa de forma assustadora. 233

Na Beethovensaal, em Berlim, TM resolveu fazer um discurso que chamou *Alerta alemão: um apelo à região* – um aviso contra os perigos do nacional-socialismo e um apelo à união das forças conservadoras e sociais-democratas contra os nazistas. Vaias e apupos. Escapou daí por uma saída lateral. 241

Mann continuava a ser um animal apolítico – como Hamlet, *chamado à ação, mas nascido para a reflexão, o estudo e a análise*. 248

Falar á *nação americana* contra a perseguição dos judeus significaria o confisco de todos os seus bens na Alemanha, ou a prisão de Golo,

ou, o que lhe parecia pior, a proibição de seus filhos aí e a perda de seu público alemão. Publicamente ele precisaria ficar quieto. 267

Exílio na França.

Incêndio de livros na cerimônia do auto-de-fé organizado pelos nazistas (nenhum livro de Mann, só dois ensaios pró-republicanos) nas principais cidades universitárias. A autoridade de sua proeminência mundial. 273

Bermann e Samuel Fischer: seus editores alemães. 273

(...) passaria longo tempo antes que Mann sentisse que era o momento de se manifestar publicamente. Mesmo quando o confisco da sua casa e sua notificação formal às autoridades de sua saída de Munique pareciam representar carimbo final na sua excomunhão, ele permaneceu em silêncio, um silêncio bastante criticado por seus colegas exilados na França, na Suíça e na Inglaterra, que sentiam que a voz do mais famoso dos escritores alemães era mais do que necessária na guerra de propaganda que estava se travando contra Hitler. 274

O primeiro volume de *José, as histórias de Jacó*, saiu sob o patronato de A. Gide, Aldous Huxley e Heinrich Mann. 275

Mann emigrou para a Suíça. A família Mann no exílio. 279

A casa de Mann em Munique fora confiscada – derrubada e substituída por uma construção no novo estilo nazista. 289

Diferente do irmão, Heirinch, Mann era incapaz de escrever num jato seu texto de conteúdo político, sem fazer seus preparativos meticulosos e quase acadêmicos. 291

Klaus nunca fez segredo de sua militância antinazista e perdeu sua cidadania; reclamava da atitude passiva de Mann na política. 295

Em Viena, Mann enfatizou sua confiança em que um humanismo fundamental em todos os países iria brevemente sobrepujar a onda da ideologia inumana do totalitarismo. Ele sentia mais afinidade agora com seu Settembrini do que com Nafta. 297

Fora retirada a cidadania alemã de sua filha Erika, atriz. Ela então pediu a um amigo *gay* para casar-se *pro forma* com ela, para obter um passaporte britânico; ele se negou, mas sugeriu o poeta Wynstan H. Auden, que aceitou. Auden desenvolveu uma relação muito cordial com a família Mann e Erika usou seu passaporte britânico até o fim da vida. 304

Em reportagem ao *Times*, Mann disse: *onde estou, está a Alemanha, i.e., carregando minha cultura alemã comigo*. 349-50

O manuscrito de *A Montanha Mágica* foi destruído durante o bombardeio a Munique, no final da Segunda Guerra Mundial. 350

A Áustria não seria o fim nas metas expansionistas de Hitler. Mann achava que a Suíça não lhe ofereceria mais sequer segurança física, ideia então de se estabelecer nos EUA. 353

Escreveu *Cartola em Weimar*. Ensaios sobre Schopenhauer, Fausto, Wagner.

Egoísmo e apego obstinado à sua obra. Uma batalha pela própria humanidade – na qual tudo estava em jogo – *incluindo o destino da obra da minha vida, que durante décadas não será lida na Alemanha, se essa corja miserável prevalecer*. 382

Rilke escreveu uma das primeiras e melhores resenhas sobre *Os Buddenbrooks*. 414

Sobre o suicídio de Stefan Zweig, Mann insistiu na abdicação da responsabilidade e na *concessão* ao arqui-inimigo, representada pelo suicídio. 425

O seu diário mostra como ele apoiou seus colegas exilados, ajudando-os a conseguir vistos, assistência e recomendando bolsas. 426

Agnes Meyer tentava fazer sua biografia, embora nunca saísse. Ela desempenhava uma *tirania* pedagógica que ele repudiava. Se metia na sua intimidade, mas ele precisava dela. Ele decidiu praticar a *arte de ignorar*. 427

Os 80 anos de Freud: TM realizou uma palestra comemorativa, intitulada *Freud e o futuro*. Sua abordagem era pessoal e autobiográfica – via como a validação científica de um campo aberto, muito tempo antes, pela filosofia e pela literatura, por Novalis, Nietzsche, Kierkegaard e Shopenhauer, entre outros – recorria fartamente aquele seu próprio uso de ideias psicanalíticas presentes em *Tonio Kröger, José e seus irmãos*. 319

Mann visitou o velho Freud em sua casa em Viena para lhe entregar a coleção de textos laudatórios e uma cópia de sua palestra, já que Freud estava muito ansioso por conhecê-la logo, antes da cerimônia. 319

Mais tarde, Mann lembrou que a recepção à sua palestra foi uma das mais entusiasmadas de sua longa carreira, com aplausos ensurdecedores de alguns dos discípulos fiéis de Freud, que ficaram desconcertados ao ouvir que as ideias do pai da psicanálise tinham sido antecipadas por Nietzsche e Shopenhauer; este não foi o caso da mulher de Freud e de sua filha, Anna, que pediu a Mann que repetisse a apresentação em sua casa. 319-20

Mann fez a primeira visita a Freud, que quase chegou às lágrimas enquanto ouvia o escritor alemão ler pessoalmente seu texto. Eles se abraçaram ternamente e Freud enviou para o hotel de Mann uma garrafa de Tokay com frutas e bolos. Os dois debateram animadamente a ideia de mito constantemente revivido. 322

Mann, indesejável na Alemanha nazista. Viu-se pressionado a adotar Praga ou Viena como lar, mas por ora sua ideia era continuar na Suíça. 320

Normalmente Mann não se preocupava com seus dois filhos mais novos, Monika e Michael, por se tratar de seus dois filhos menos queridos. 321

Mann, cidadão tcheco.

Mann tinha uma natureza fria, pelo menos exteriormente, e a acusação de Klaus sobre sua falta de interesse e sentimentos pelos outros era justificada totalmente. Quanto aos amigos, ele os via como meros coadjuvantes no drama de sua própria vida. Mesmo entre os

poucos que foram objetos de sua investida homoerótica, a maioria deles rejeitada, nenhum de seus amigos – Grautoff, Kurt Martens, Georg Richter, os vizinhos de Munique, Ernst Bertram, Bruno Frank –, chegou a ter real intimidade com ele ou papel mais importante em sua vida. Como ele mesmo admitiu, era mais raro que alguém o chamasse pelo primeiro nome fora do círculo familiar. A conclusão inevitável é que enxergava os entes – amigos, família, conhecidos – como meros apêndices de sua vida e obra. 336

Os cumprimentos em cartas sobre as obras alheias frequentemente traíam a sua verdadeira opinião, registrada em seu diário. Julgara *Uma consciência contra a violência*, de Stefan Zweig, *insosso e de segunda categoria, como sempre*. 336

O mitológico no tema de *José*: um símbolo da humanidade em sua busca pela sabedoria divina. 431

Golo, Monika, Elizabete, Erika, Klaus e Michael: seis filhos.

A abundância de digressões em todos seus diversos assuntos que lembrava Joyce.

Mann confessou: *Sempre foi um destino singular, meio sofrido, meio honroso, ter nascido alemão*. 448

Mann, em seus desempenhos, tinha sempre comitês de recepção reverentes: dispositivos locais, acadêmicos, representantes do governo, de clubes femininos, ou organizações judaicas se mostravam ansiosos para lhe oferecer sua hospitalidade, transporte e outros confortos. 450

Técnica de montagem: o processo composicional de seu *Fausto*. *Hetaera esmeralda*, uma borboleta tropical, cujo nome Mann fazia sua personagem Adrian chamar as prostitutas assim. 454

Mann adquiriu cidadania americana (EUA), mas lamentando em relação à cidadania tcheca adquirida. 454

Lendo *Finnegans Wake*, Mann sentiu que poderia haver uma afinidade entre sua obra e a de Joyce. 456

Presença, em família, de Stravinsky.

Doutor Fausto: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo: *seu tema principal: o destino infelizmente demoníaco e trágico da Alemanha*. 456

Se, em suas linhas gerais, a vida de Adrian Leverkühn devia muito à de Nietzsche, em seus detalhes devia muito mais à do próprio autor: Lübeck inspirou a cidade natal de Adrian. 457

A reflexão de Mann sobre o caráter catastrófico dos alemães, que combinavam grandeza e culpa, e sua total falta de senso político ao longo da História, que se revelara da forma mais desastrosa na loucura criminosa do nacional-socialismo, complementava seu objetivo no romance: expressar a angústia pela Alemanha, que o estava afetando de forma mais profunda do que fazia crer a sua aparente indiferença pelo destino do país. 459

Erika trabalhava como correspondente de guerra junto às Forças Aliadas desde o Dia D. 459

O que fazer com a Alemanha continuava a preocupá-lo. Os alemães não tinham a menor noção da extensão dos seus crimes – ao contrário, veriam qualquer coisa que fizessem *contra eles* como uma injustiça monstruosa: *Nos alemães a auto complacência ilimitada anda de mãos dadas com a crueldade*. 461

Qualquer simpatia pela Alemanha, Mann escreveu, era fora de propósito. A falta de qualquer *senso do mal*, no povo alemão, como anotara em seu diário, em 1933, era imperdoável e precisava ser punida; era impossível pedir agora às vítimas do nazismo, na Europa e no resto do mundo que fizessem uma distinção entre o nazismo e o povo alemão, e Mann não assumira o papel de advogado de uma *paz suave*. 462

Roosevelt, para Mann, era um César contemporâneo e político astuto. Sucessor Truman.

Um país não é apenas o que ele faz – mas também o que ele admite e tolera. (Kurt Tucholsky a Arnold Zweig, 1934). 468

Suicídio de Hitler em Berlim.

Dostoievski prefigurava o colapso total dos valores, no século XX, após o que a forma tradicional do romance não seria mais possível, o que demonstrava James Joyce e Mann. 470

A dor do coração exilado, o desenraizamento, os terrores nervosos causados pela falta de um lar. 475

Sobre o pedido de ele retornar à Alemanha, Mann não enxergava nenhuma razão para abandonar com sua família a vida que tiveram a sorte de construir na América, para voltar a um país onde certamente havia muitos amigos, mas também inimigos ocultos. Sentiu que seria impossível viver em meio a pessoas que durante tanto tempo foram entorpecidas por aquele ópio. 475

Para Mann, a Alemanha era como ponto de encontro da civilização *viking* com a cultura clássica romana, do racionalismo ocidental com o misticismo oriental. 366

Golo: funcionário civil do Serviço de Informação americano. Klaus: roteirista de uma parte do filme *Paisá*, de Roberto Rossellini. Projetos cinematográficos. Erika: correspondente de guerra e colunista de diversos jornais.

Mann nutria volumosa correspondência.

Mann fizera uma leve caricatura, em *A Montanha Mágica*, do estilo autoritário das instituições hospitalares alemães. Foi uma experiência estranha, para ele, fazer um pneumotórax, sobre qual procedimento ele havia escrito de maneira tão detalhada nessa obra. 484

Mann via o *Doutor Fausto* como uma espécie de testamento para a posteridade. 487

José era um épico; Fausto é algo mais, algo terrível – pois expunha tanto dele mesmo: a história triste e cruel de Adrian não era somente um símbolo da ruína da Alemanha, mas também uma exposição deslocada, transferida, distorcida, demoníaca da minha própria vida. 489

Mann escreveu *A filosofia de Nietzsche à luz dos acontecimentos contemporâneos*, a contribuição mais extensa que já fizera à psicanálise do germanismo e dos alemães. Suas profundas pesquisas

ao longo do *Doutor Fausto* lhe deram a sensação da continuidade e da unidade do pensamento nietzschiano, e da sua posterior degeneração na antimoralidade e sua lamentável *glorificação do mal* sob o efeito da sífilis, 490

Schönberg ficou enfurecido com o uso indevido de sua propriedade intelectual na *invenção* do sistema dodecafônico por Adrien (*Doutor Fausto*).

O futuro da América estava se tornando impossível, especialmente para um escritor considerado de esquerda, e Mann sentia que tinha sido este o motivo da tentativa de suicídio de Klaus. O motivo imediato do gesto tinha sido a fuga aparente de seu último companheiro, um jovem marinheiro, estúpido mas dedicado. Klaus suicida-se em Cannes. 502

Alexander Korda fez o roteiro de *A Montanha Mágica*. 503

Sociedade Thomas Mann, em Nuremberg.

Foram 16 anos de exílio.

Mann faz apelo a um comunismo humanista. Teme a guerra fria entre Rússia e EUA.

Mann foi amigo de Adorno, Hermann Hess, Stravinsky.

Outro problema: atração irresistível por um jovem garçom da Baviera, 19 anos. Franz Westermeier; ele com 75 anos. Erika percebeu. *Adeus para sempre, rapaz encantador, tardio e dolorosamente excitante sonho de amor!* Ele evocava paixões antigas que encontraram certa imortalidade na sua obra: Armin Martens em *Tonio Kröger*; Willi Timpe em *A Montanha Mágica*, Paul Ehrenberg em *Doutor Fausto* e Klaus Heuser, a quem Mann dedicara o prefácio ao ensaio sobre Kleist. 535-6

Ensaio sobre poemas de Michelangelo os versos associaram o amor homoerótico à fisionomia, à potente *forza d'un bel viso* – como na sua experiência com Franz: certamente seria agradável dormir com ele, mas Mann não conseguira imaginar um contato físico real. *Minha ternura por esse rapaz se deve talvez aos seus olhos, a algo quase espiritual portanto...* O texto constitui uma imortalização de

Franz. O tema do amor que irrompe, tardiamente, voltaria a aparecer em textos posteriores. Erika e Klaus sabiam de tudo. Erika fazia comentários sarcásticos. *Nenhuma promessa de bonheur, apenas renúncia...* 537

Apoio necessário de Erika a Mann. Todos os planos pareciam depender dela. Mann, ansioso para rever Franz, ela suspeitara, arranjara o reencontro. 538

A verdade é que todas as renúncias são dolorosas para mim: preciso sempre olhar o presente. (...) E, contudo, o passado guarda muitos tesouros. 540

(...) o que lhe incomodava ver era a terra da liberdade [América] agindo como a polícia do mundo [pós-guerra], defendendo o *status quo* velho e corrupto. 541

Michael, filho, era músico.

Klaus dizia que todas as *histórias de amor* de Mann – apesar de ser um marido e pai de seis filhos -, pertenciam ao reino do proibido e da morte. Para seu pai, esse comentário representa um reconhecimento da força da narrativa. 579

Mann e Katia sempre acolheram bem as amigas de Erika, lésbicas ou não, mas a aparente fixação da filha de Strindberg, Kerstin, recentemente saída de um internato psiquiátrico na Alemanha, pressionando Erika para levá-la a Zurique, era um pouco demais.

(...) tentando acrescentar algumas páginas a *Félix Krull*, sentia-se desanimado ao refletir sobre a mediocridade de sua própria contribuição à literatura, se comparada à grandeza de Dostoievski ou Balzac. *Perto dos romancistas do século XX*, declarou numa entrevista, *nós somos miniaturas primitivas.* 587

Apagou-se uma luz que representou um conforto para mim durante muitos anos na desordem sombria de nosso tempo. [Breve obituário de Mann para Einstein.]

Numa cerimônia, em Zurique, muito emocionado com a presença de tantos elementos evocativos do passado, na introdução à sua leitura de um trecho do *Felix Krull*, referiu-se à recepção do povo de

Munique, em vez de *Zurique* – um *lapsus linguae* que causou muitos risos. 614

Mann voltou a pensar na ideia do manifesto de paz que seria assinado por intelectuais proeminentes do Ocidente – diante do acirramento da polarização entre Leste e Oeste, do fim da Guerra da Coreia, da entrada da Alemanha Federal, soberana, na OTAN e do estabelecimento do Pacto de Varsóvia. Pensou em Pearl Buck, W. Faulkner, Hermann Hesse e a escritora chilena, Gabriela Mistral – mas Erika foi incumbida de visitar Bertrand Russell na Inglaterra, E. M. Forster e Arnold Toynbee. 656

Filme com sua obra, *Sua Alteza Real*.

Morre num sono. Trombose na perna, arteriosclerose. Katia, ao lado, não percebeu. Antes da guerra, ele nega qualquer desejo de ser enterrado no mausoléu da família em Lübeck; para ele, o solo antigo ao qual retornava era, sobretudo, a Suíça, que sempre considerara o seu último e definitivo lar. 621

Sua vida foi dedicada a uma única meta: a obra de língua alemã e a sobrevivência do espírito europeu, escreveu o dramaturgo Carl Zuckmayer. 623

Monika nunca recebeu de seus pais o mesmo afeto que seus irmãos, menos ainda de seu pai, que preferia claramente suas irmãs. 628

Michael suicidou-se também com uma combinação de álcool e barbitúricos na Califórnia. 630

Embora frequentemente gostasse de enfatizar o elemento latino em sua constituição, ele também admitia sua frieza, que tantos criticavam, mas parece que a considerava uma forma de defesa, fundamental para um artista ambicioso. O grau em que ficou abalado pelos suicídios de suas irmãs e de Klaus é impossível distinguir em qualquer texto seu: a impressão maior é de desapontamento com uma fraqueza que frustrava suas expectativas em relação à família da qual se sentira efetivamente o líder. 632

Vaidoso, extremamente preocupado com a elegância e a correção de sua aparência postural. 633

Extremamente autocentrado, Mann não tinha muitos sentimentos pelos outros e, nas relações pessoais com familiares ou amigos, nunca conseguiu superar sua reserva inata, *Amá-lo, meu amigo*, escreveu Agnes Meyer, em 1941, *é uma arte refinada da qual nem todos são capazes, um complicado solo de dança*. 633

Man tinha convicção de que representava um paradigma da cultura alemã. O acúmulo de doutorados, prêmios e honrarias lhe davam enorme prazer. O cerimonial de suas aparições públicas lhe agradava tanto quanto o sucesso de sua obra. 633

Profundo interesse de Mann por sua biografia, que acompanhava com irônica superstição, satisfeito com a curiosa semelhança com a vida de Goethe. Mann explorava isso em suas obras que, tomadas em conjunto, constituem uma autobiografia seletiva, ironicamente velada em *Os Buddenbrooks*, *Tonio Kröger* e *Morte em Veneza* e menos direta em *Doutor Fausto*. 633-4

Como Mann admitia, não tinha muita imaginação, no sentido puramente criativo. Talento maravilhoso para iluminar os seus manuscritos com minúcia e detalhes refinados, personificando o *espírito de narração* onisciente. Explorou e copiou fontes disponíveis: o caso da medicina, em *A Montanha Mágica*, da arquitetura e da egiptologia em *José*, da música em *Doutor Fausto* – e sua técnica de montagem o tornou quase um obsessivo, às vezes levando-o à exibição de conhecimentos adquiridos que muitos leitores podiam condenar, tediosos. 635

O encanto de suas fábulas reside na habilidade narrativa, na composição dos detalhes. Suas obras são mais *tours de force* do que pura criatividade artística. 636

Enorme amplitude narrativa, o brilho de sua composição, o tom irônico e quase professoral na apresentação e análise de personagens complexos. Foi aceito no panteão da literatura alemã por causa de *Os Buddenbrooks*, antes de completar 30 anos. 636

Sua reputação o acompanhou aos Estados Unidos, na Inglaterra não se estabeleceu. Com seu estilo frio e levemente acadêmico, Mann sabia que era visto como representante de certo arcaísmo. Seus

romances marcariam o fim da tradição do século 19, representando os estágios finais da sociedade capitalista. 637

Filmes *Os Buddenbrooks* e *Morte em Veneza*, direção de Visconti.

Rotular Mann como representante do capitalismo tardio, da era pós-burguesa, como ele próprio a classificou em 1945, não faz mais sentido. 638

Nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, Mann admitiu que não era fácil ser um escritor alemão com sentimentos conflitivos, em relação ao próprio país, de *raiva, repulsa, desejo de destruição e ao mesmo tempo um laço inalienável*.

Hitler não foi um acidente, mas um fenômeno verdadeiramente alemão. 640

Mann sabia que não podia aplicar à Alemanha nenhuma lição de seu *Doutor Fausto: A Alemanha nunca desceu ao inferno, e não se interessa pela culpa nem pela redenção através da graça*.

Mann foi mais longe: ele afirmava ser imperativo não somente evitar uma Europa alemã, mas criar uma Alemanha *européia*. Como demonstra a União Europeia na década final do século XX, isso não está sendo fácil. Caso ocorra, constituirá um elemento importante no legado de Thomas Mann. 640

